



“Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la.”

General Rodrigo Octávio / 1º Comandante Militar da Amazônia (1968/1970)

AMAZÔNIA – O GRANDE DESAFIO - (XXXVI)

Pediram-nos para analisar a problemática do nióbio, metal estratégico e abundante em nossa Amazônia.

Teceremos algumas considerações preambulares, para o bom entendimento da questão. A Amazônia Brasileira (a ‘Verde’, pois também existe a ‘Azul’ sob a guarda, em especial, da gloriosa Marinha do Brasil), felizmente, vem despertando o interesse nacional. Ela é alvo de uma perniciosa cobiça internacional, desde o século XVIII, a qual se agudizou nos dias hodiernos, em vista da progressiva escassez de recursos naturais e matérias primas, nos países desenvolvidos. Ao Brasil, que possui cerca de 60% da Gran ou Pan-Amazônia (3/5 do território nacional!), cumpre guardá-la, defendê-la e explorá-la, racionalmente, sem considerar a opinião, dos que a desejam, com escusas intenções, ‘preservá-la’, como um intocável museu, parque ecológico ou santuário natural do planeta, eis que é ‘o pulmão do mundo’, mito falacioso brandido por gente ambiciosa e sem escrúpulos. Precisamos ter em mente a superlativa importância para o Brasil, de sua mais rica região! A floresta amazônica não pode ser ‘congelada’, como se uma estratégia e incommensurável reserva técnica/almoxxarifado fosse, para a utilização futura por nações poderosas, que, por isso, vêm pugnando por seu tombamento como ‘patrimônio comum da humanidade’, tal e qual vetustos patrimônios, v.g., da arquitetura de países muito

antigos.

A Amazônia não é o prolapado ‘inferno verde’, ela é, sim, dos brasileiros, para o seu próprio usufruto, pelo que devemos estar aprestados contra veleidades alienígenas em internacionalizá-la e ‘planetarizá-la’, transformando-a em gigantescos laboratórios de pesquisas e experimentação, ou em ‘jardins botânicos e zoológicos’, em nome de questões ideológicas, climáticas/ambientais, indígenas etc. Para tanto, precisamos saber RESISTIR, mesmo que a ferro, a fogo e a sangue, com os meios de que dispomos, um deles ‘a estratégia da resistência’, implantada no Comando Militar da Amazônia, desde 1994, para a defesa da Amazônia Brasileira contra invasão de nação ou coalizão de nações hegemônicas, em que a constância e a resiliência nacionais se fazem necessárias. Em verdade, Sun Tsu já dizia: “Se não podes vencer a guerra contra um inimigo muito mais forte, que, pelo menos, saibas não per-



FIZEMOS ONTEM!

FAREMOS SEMPRE!

dê-la”. “SELVA”!

A nossa Amazônia possui seis grandes ‘Riquezas’ ou ‘Tesouros’, a saber:

1) a sua população, basicamente mestiça, com estoques indígenas de inúmeras etnias;

2) a sua imensa bacia potamográfica, a maior e mais extensa do universo, um verdadeiro mar interior, um mar fechado ou “Mare Clausum”, ou

ainda o “Mare Nostrum Brasileiro”, no dizer de Gastão Cruz, sendo os seus principais rios, navegáveis por navios de qualquer calado;

3) a água doce (o ‘ouro branco’) de seus cursos d’água que hoje impulsiona várias usinas hidrelétricas, além do maior aquífero do mundo, o SAGA (“Sistema Aquífero Grande Amazônia”), centrado em Alter do Chão (PA), que abrange imensas áreas em toda a região, reservatório subterrâneo que poderia abastecer a humanidade por 250 anos!;

4) a biodiversidade da enorme floresta, com o maior banco genético planetário;

5) a posição geoestratégica, eis que cortada pela Linha do Equador, o que proporciona o lançamento, em excelentes condições, de sondas, satélites, mísseis balísticos, foguetes de cruzeiro e até de naves espaciais, as ‘cosmonaves’, merecendo destaque o melhor dos Centros de Lançamentos (o CLA), de Alcântara (MA), na Amazônia Legal Brasileira;

6) as jazidas de diversos minérios, nas serras mineralizadas o Azo das calhas dos rios Solimões e Amazonas, como o **NIÓBIO**. (continua)

* Coronel, Historiador Militar e Advogado msorianoneto@hotmail.com



O PATRONO DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA



Assisti ao vídeo do tradicional Almoço de final de ano das Forças Armadas com o presidente da República. O comandante da Aeronáutica procedeu à saudação protocolar ao presidente, em nome das outras Forças. Ele citou os insígnies nomes de Santos-Dumont, Patrono da Aeronáutica Brasileira, do Marquês de Tamandaré e do Duque de Caxias, Patronos da Marinha do Brasil e do Exército Brasileiro, respectivamente.

Entretanto, o Patrono da Força Aérea Brasileira, Brigadeiro Eduardo Gomes, de saudosíssima memória, não foi mencionado nem isolada nem conjuntamente com o Patrono Santos-Dumont...

A Lei 7243, de 6 de novembro de 1984, assinada pelo presidente João Figueiredo e o seu ministro da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro Dêlmo Jardim de Mattos, dispõe, “ipsis verbis”, em seu ‘caput’: “Proclama o Marechal-do-Ar Alberto Santos-Dumont Patrono da Aeronáutica Brasileira, o Marechal-do-Ar Eduardo Gomes Patrono da Força Aérea Brasileira, e cria a ‘Medalha Eduardo Gomes’”. O

“mens legis” (o ‘espírito da lei’) deste mi histórico ato legal, facilmente exsurge de seu texto, qual seja, o de alçar o inclito Marechal-do-Ar Eduardo Gomes ao patamar meritocrático



Santos Dumont:

Patrono da Aeronáutica Brasileira

do “Pai da Aviação”, Santos-Dumont. Tanto que foi criada uma Medalha a ele alusiva, posto que já existia, desde 1956, a “Medalha do Mérito Santos-Dumont”. Então, é mandatário, salvo outro juízo, que o impoluto no-

me do lendário “Brigadeiro”, que tantos e tamanhos serviços prestou à Pátria, nunca seja omitido e, sim, sempre lembrado, junto com o de Santos-Dumont, eis que ambos cons-



Eduardo Gomes:

Patrono da Força Aérea Brasileira

tam, sem distinção hierárquica, na citada Lei que instituiu, concomitantemente, os patronatos da Aeronáutica Brasileira e da Força Aérea Brasileira e criou uma medalha específica ‘in memoriam’ do Patrono da For-

ça. Destarte, eles são, legalmente, os **DOIS MAIORES VULTOS** de nossa Aeronáutica, que, em sua bela História, na paz e na guerra, também se ufana da existência de outros inesquecíveis e exponenciais personagens, de elevadíssimos predicados!

Lembro-me, muito bem, pois lá estava presente, quando foi comemorada a honorificiência castrense da denominação histórica que o Exército concedeu, em 1998, ao 11º GAAAc (11º Grupo de Artilharia Antiaérea), de Brasília (DF), de “Grupo Brigadeiro Eduardo Gomes”, ao comando do então valoroso coronel (depois general, infelizmente já falecido) Nelson Santini Júnior. A memorável solenidade, compareceram as mais gradas autoridades das duas Forças Singulares e a confraternização foi simplesmente magnífica, eis que o homenageado pertenceu ao Exército Brasileiro!

Eia, pois, compatriotas! Salve a eterna e gloriosa Força Aérea Brasileira de Santos-Dumont e de Eduardo Gomes!!

Cel Manoel Soriano Neto - Historiador Militar.